

**antonio
gramsci**

**homens
ou máquinas?**

escritos de 1916 a 1920

**seleção e apresentação de gianni fresu
tradução de carlos nelson coutinho e rita coitinho**



© Boitempo, 2021

Direção-geral Ivana Jinkings
Edição Thais Rimkus
Coordenação de produção Livia Campos
Assistência editorial Carolina Mercês e Pedro Davoglio
Tradução Carlos Nelson Coutinho e Rita Coitinho
Revisão da tradução Marcos Del Roio
Notas da edição Luciana Aliaga
Cronologia Alvaro Bianchi
Preparação Mariana Echalar
Revisão Laura Vecchioli
Capa Maikon Nery
Diagramação Antonio Kehl

Equipe de apoio Camila Nakazone, Débora Rodrigues, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Kim Doria, Lúgia Colares, Luciana Capelli, Marcos Duarte, Marina Valeriano, Marissol Robles, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Tulio Candiotto, Uva Costruiba

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G773h

Gramsci, Antonio, 1891-1937

Homens ou máquinas? : escritos de 1916 a 1920 / Antonio Gramsci ; seleção de artigos e apresentação de Gianni Fresu ; tradução de Carlos Nelson Coutinho, Rita Coitinho. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2021.

(Escritos gramscianos ; 2)

“Coletânea inédita”

“Cronologia”

ISBN 978-65-5717-120-2

1. Ciência política - Filosofia. 2. Trabalhadores - Atividades políticas. 3.

Sindicalismo. I. Fresu, Gianni. II. Coutinho, Carlos Nelson. III. Coitinho, Rita. IV.

Título. V. Série.

21-74570

CDD: 331.8801

CDU: 331.105.44

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: dezembro de 2021

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 | 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO, *Gianni Fresu*, 7

SOBRE A TRADUÇÃO, 41

RECORDAÇÕES DE HISTÓRIAS E ACONTECIMENTOS DOS COTONIFÍCIOS, 45

HOMENS OU MÁQUINAS?, 53

O SINDICALISMO INTEGRAL, 58

“ARSENALEIDE”, 64

PRIMEIRO LIVRES, 67

O PACTO DE ALIANÇA, 70

OS PROPÓSITOS E AS NECESSIDADES, 74

O DEVER DE SERMOS FORTES, 79

DEMOCRACIA OPERÁRIA, 83

AOS COMISSÁRIOS DE SEÇÃO DAS FÁBRICAS FIAT CENTRO E BREVETTI, 89

SINDICATOS E CONSELHOS, 95

OS SINDICATOS E A DITADURA, 103

SINDICALISMO E CONSELHOS, 111

O PROBLEMA DO PODER, 117

O PARTIDO E A REVOLUÇÃO, 125

ANTES DE MAIS NADA, RENOVAR O PARTIDO, 132

O INSTRUMENTO DE TRABALHO, 139

O OPERÁRIO FABRIL, 147

PARTIDO DE GOVERNO E CLASSE DE GOVERNO, 152

O PROBLEMA DA FORÇA, 160

O FIM DE UM PODER, 165

SUPERSTIÇÃO E REALIDADE,	168
POR UMA RENOVAÇÃO DO PARTIDO SOCIALISTA,	178
O CONSELHO DE FÁBRICA,	189
O RELATÓRIO TASCA E O CONGRESSO CAMERAL DE TURIM,	196
SINDICATOS E CONSELHOS,	203
O MOVIMENTO TURINÊS DOS CONSELHOS DE FÁBRICA,	210
AONDE VAI O PARTIDO SOCIALISTA?,	227
O PROGRAMA DE <i>L'ORDINE NUOVO</i> ,	233
PARTIDO E SINDICATOS,	247
O PARTIDO COMUNISTA,	253
DOMINGO VERMELHO,	269
CAPACIDADE POLÍTICA,	275
CRONOLOGIA – VIDA E OBRA,	281
SOBRE A COLEÇÃO ESCRITOS GRAMSCIANOS,	299

O DEVER DE SERMOS FORTES¹

A paz já começa a produzir frutos. Revogado o decreto Sacchi, as relações entre os indivíduos e o Estado voltam a ser reguladas pelas leis ordinárias estabelecidas pelo Estatuto². A luta política volta a se desenvolver num ambiente de relativa liberdade, condição indispensável para que os cidadãos conheçam a verdade, possam reunir-se, discutir os problemas e os programas econômicos e políticos, possam associar-se depois de identificar sua vontade e sua consciência com uma vontade e uma consciência social organizada em partido.

Um trabalho imenso impõe-se aos operários e aos camponeses que reconhecem no Partido Socialista e na Confederação do Trabalho os organismos necessários e suficientes para o desenvolvimento disciplinado e consciente da luta de classe.

¹ Não assinado, *Avanti!*, ed. piemontesa, ano XXII, n. 326, 25 de novembro de 1918.

² Estatuto outorgado pelo rei Carlos Alberto, do reino da Sardenha, em 1848, e que viria a ser o estatuto político do reino da Itália unificada. O decreto Sacchi, promulgado em 4 de outubro de 1917, a pretexto da guerra, limitava ainda mais as já restritas liberdades de expressão e de imprensa existentes na Itália. A revogação desse decreto, portanto, afrouxou, sem soltar, os nós que buscavam opor resistências às lutas que já estavam em curso no primeiro pós-guerra na Europa e que tendiam a se acirrar. Em alguns meses, o ano 1919 inauguraria uma série de eventos de importância capital para a história do movimento operário: a fundação da Internacional Comunista (ou Terceira Internacional), os assassinatos de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, o acirramento das lutas operárias na Itália no *biennio rosso* [biênio vermelho, 1919-1920], a aprovação no congresso do PSI da criação dos conselhos operários propostos pelo grupo de *L'Ordine Nuovo*, sob a direção de Gramsci, assim como a fundação dos primeiros *fasci di combattimento*, por Mussolini.

É necessário que, no mais breve espaço de tempo, o Partido Socialista e a confederação alcancem a máxima potência permitida pelo grau de desenvolvimento econômico a que chegou a Itália nos quatro anos de guerra. Nosso dever mais urgente é o de sermos fortes, de agruparmos em torno dos núcleos existentes de organização política e econômica todos os cidadãos que estão conosco, que aceitam nossos programas, que votam em nossos candidatos nas eleições, que vão às ruas por nossas palavras de ordem. Esses cidadãos são muito numerosos, atingem certamente a cifra de alguns milhões: o partido não tem, neste momento, mais que 30 mil filiados. Número irrisório, número que é o símbolo de nossa preguiça, de nossa insuficiência para difundir e fazer penetrar nas mentes os postulados da doutrina socialista. Número que é o documento mais clamoroso de nossa fraqueza em face do Estado burguês, que queremos subverter e substituir pela ditadura do proletariado.

É inútil investigar agora quais são as razões dessa nossa fraqueza. Sabemos que a causa maior foram, no passado, as condições atrasadas da economia nacional; num país onde ainda predominavam a agricultura patriarcal, o artesanato e a pequena oficina, não podia se formar e se afirmar, com características permanentes de um processo histórico normal, uma democracia social densa e conscientemente disciplinada. Havia na Itália um ambiente de rebelião instintiva, devido às atrasadas condições do Estado despótico, opressor das iniciativas individuais, devido ao peso da vida econômica, que obrigava os indivíduos a emigrarem para se sustentar; não era o ambiente da luta de classe definida e consciente entre capitalismo e proletariado. O Partido Socialista teve momentos de enorme prestígio político junto às massas, mas não conseguiu (e não podia conseguir) suscitar organismos que agrupassem permanentemente

as grandes massas; as rebeliões das massas eram mais fenômenos de individualismo que manifestações proletárias de classe, eram revoltas contra o Estado que sangrava a nação com tributação excessiva e não contra o Estado reconhecido enquanto expressão jurídica da classe proprietária que impõe seu privilégio por meio da violência.

Quatro anos de guerra mudaram rapidamente o ambiente econômico e espiritual. Uma gigantesca mão de obra foi improvisada, e a violência inata nas relações entre assalariados e empresários revelou-se de modo evidente e reconhecível até mesmo pelas mentes mais decadentes. E revelou-se de modo não menos espetacular como o Estado burguês é instrumento dessa violência, em todos os seus poderes e ordenamentos: desde o governo que estende aos comitês de mobilização, às delegacias de polícia, aos carabineiros, aos carcereiros, até o ordenamento judiciário que se presta às violações constitucionais promovidas pelos ministros democráticos, até o Parlamento eletivo que, com sua imensa covardia, permite que sejam violadas as liberdades mais elementares.

O crescimento industrial tornou-se um milagre graças à saturação dessa violência de classe elevada. Mas a burguesia não pôde evitar oferecer aos explorados uma terrível lição prática de socialismo revolucionário. Surgiu uma nova consciência, uma consciência de classe; e não só na fábrica, mas também na trincheira, que oferece muitas condições de vida semelhantes àquelas da fábrica. Essa consciência é elementar; a consciência doutrinária ainda não a formou. É matéria bruta ainda não modelada. O artífice dessa modelagem deve ser nossa doutrina.

O movimento proletário deve absorver essa massa; deve discipliná-la, deve ajudá-la a tornar-se consciente das próprias necessidades materiais e espirituais, deve educar os indivíduos que a

compõem no sentido de solidarizar-se entre si de modo permanente e orgânico, deve difundir nas consciências individuais a convicção firme, precisa, racionalmente adquirida, de que somente na organização política e econômica reside o caminho da salvação individual e social, de que a disciplina e a solidariedade nos limites do Partido Socialista e da Confederação são deveres imprescindíveis, são os deveres de quem se afirma defensor da democracia social.

O Partido Socialista deveria contar hoje com pelo menos 250 mil filiados; a Confederação do Trabalho deveria ter pelo menos 2 milhões de aderentes; o *Avanti!* deveria difundir-se às centenas de milhares de exemplares e ter milhões de leitores. O dever tornou-se hoje possibilidade; o ambiente espiritual não é mais refratário à disciplina e à ação paciente e perseverante. Cabe a nós transformar essa possibilidade em realidade, nos tornarmos o partido mais poderoso da nação não só em sentido relativo, mas em sentido absoluto, nos tornarmos o anti-Estado preparado para substituir a burguesia em todas as suas funções sociais de classe dirigente. Os operários e os camponeses, que já lutam juntos, devem intensificar a propaganda individual; as seções e os grupos ativos de companheiros devem promover uma ação de propaganda sistemática e incansável (conferências públicas, debates, reuniões) a fim de que todos os assalariados adiram às organizações de resistência, a fim de que todos os socialistas ingressem no partido.